

INOVAÇÕES LEXICAIS EM TEMPOS DE CRISE SANITÁRIA: UM ESTUDO SOBRE OS CRUZAMENTOS VOCABULARES CRIADOS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Carlos Alexandre Gonçalves¹

Jairo da Silva²

RESUMO: Neste artigo, nossa principal meta consiste em descrever e analisar criações lexicais por cruzamento vocabular, criadas ou amplamente difundidas entre março de 2020 e dezembro de 2022, período em que ocorreu a pandemia de covid -19. Procuramos identificar as principais motivações de cada uma, bem como checar se ainda continuam ativas nos dias de hoje. Pretende-se, ainda, discutir os fatores sociais e culturais que motivaram tais inovações, evidenciando a relação estreita entre palavras novas e transformações sociais. O principal objetivo do texto é confirmar o caráter efêmero de tais formações, mostrando que a maioria é extremamente datada e acabou não vingando, tornando-se verdadeiros fósseis linguísticos, apesar de bem recentes, como comprovaremos através da ferramenta *Google Trends*. Muitos neologismos são, de fato, efêmeros (Alves, 1990); por isso, optamos por fornecer verbetes lexicográficos de cada cruzamento apresentado no artigo, a fim de fornecer ao leitor uma definição mais ampla das construções criadas na época por esse importante processo de formação de palavras.

PALAVRAS-CHAVE: morfologia; formação de palavras; cruzamento; neologismo.

1 Doutor em Linguística. Professor Titular da UFRJ. Bolsista de Produtividade do CNPq.

2 Doutor em Letras Vernáculas. Professor Adjunto do CEFET-Rio (*Campus de Nova Iguaçu*).

Palavras iniciais

As inovações lexicais decorrem de múltiplas motivações, entre as quais se destacam as transformações sociais, os avanços tecnológicos e, de modo mais amplo, os fatores sócio-históricos que moldam a experiência humana. Tal dinâmica confirma o pressuposto de que a linguagem é culturalmente situada, conforme propõe Langacker (1987), sendo inseparável dos contextos de uso nos quais é produzida e interpretada. Nessa perspectiva, os processos de cunhagem, por diversos processos morfológicos, encontram-se profundamente ancorados em práticas socioculturais, uma vez que a língua emerge da interação entre sujeitos historicamente situados e suas vivências coletivas (Fauconnier; Turner, 2002). Assim, a linguagem não pode ser concebida como neutra ou isolada; ao contrário, reflete os valores, as crenças, os modos de pensar e agir, bem como as práticas sociais e históricas de determinada comunidade linguística.

Nesse contexto, a pandemia de covid-19 constituiu cenário particularmente fértil para o surgimento e a difusão de novas unidades lexicais. Diante de mudanças abruptas nas formas de interação social, nos hábitos de trabalho, na organização do cotidiano e na circulação de informações científicas, a língua foi intensamente mobilizada para nomear realidades inéditas ou ressignificar conceitos preexistentes. O objetivo central da presente pesquisa é, portanto, descrever e analisar as criações lexicais por cruzamento vocabular³ ocorridas ou amplamente difundidas

3 O termo cruzamento vocabular (CV) aparece, no Brasil, na seminal obra de Sandmann (1988) para quem esse processo de formação de palavras consiste na junção de duas bases para formar outra palavra, a exemplo de *brasiguai* e *boilarina*. Pesquisas envolvendo o fenômeno aparecem em Araújo (2000), que chama esse mecanismo de *portmanteau*. Gonçalves analisa o fenômeno desde 2003 e mostra, em seus estudos que, sob o rótulo de CV, há pelo menos dois diferentes processos: (a) o entranhamento lexical, no qual as duas formas de base se emaranham por completo, como em *aborrescente* e *crionça*, e (b) a combinação truncada, fruto de uma junção em que segmentos não se superpõem, como em *futevôlei* e *portunhol*.

entre março de 2020 e dezembro de 2022, período em que ocorreu a pandemia, buscando identificar as principais motivações de cada uma, bem como averiguarchecar se ainda continuam ativas nos dias de hoje por meio através do *Google Trends*, ferramenta que possibilita verificar a frequência de palavras de 2004 a 2026, fornecendo gráficos de uso para cada uma. Pretende-se, ainda, discutir os fatores sociais e culturais que motivaram tais inovações, evidenciando a relação estreita entre palavras novas e transformações sociais. Partimos de Basilio (1987) e Gonçalves (2016) para conferir a principal motivação de cada cruzamento: se (a) a designação/rotulação, por meio da qual se nomeia algo novo, ou se (b) a expressiva de avaliação/atitudinal, pela qual o criador da nova palavra (conceptualizador) expressa juízo de valor sobre algo/alguém.

Para tanto, construímos um banco de dados que, por um lado, permite caracterizar o contexto pandêmico e, por outro, ilustra a ativação de determinados mecanismos de cruzamento vocabular no português contemporâneo. A hipótese central que norteia este trabalho é a do caráter efêmero dessas formações, mostrando que a maioria é extremamente datada, embora bastante recente, mas teve obsolescência precoce: muitas são hoje verdadeiros fósseis linguísticos, apesar do curto período temporal (menos de cinco anos).

Embora a renovação lexical seja um fenômeno permanente nas línguas naturais, torna-se especialmente mais sentida em períodos de intensas transformações sociais. A pandemia de covid-19, aliada às medidas de distanciamento físico e à reorganização da vida social, inseriu a sociedade global em uma realidade rapidamente denominada “novo normal”. Nesse processo, um vocabulário antes restrito a domínios especializados, sobretudo da área da saúde, passou a integrar o uso cotidiano. Por exemplo, termos como “comorbidade”, “cloroquina” e “telemedicina” deixaram de circular apenas em contextos técnicos e foram incorporados ao léxico comum. Paralelamente, surgiram formações destinadas a nomear práticas e experiências inéditas, como *quarenteino* e

webnário. Soma-se, a esse conjunto, a criatividade lexical de caráter avaliativo, humorístico ou crítico, expressa em formações como *co-vidiota*, *ovulário* e *coronaro*, que evidenciam a dimensão expressiva e discursiva da criação lexical (Gonçalves, 2023).

Em curto espaço de tempo, tais inovações passaram a circular amplamente em textos jornalísticos, publicações digitais e redes sociais, consolidando-se como marcas linguísticas do período pandêmico. Esse fenômeno resultou em uma expansão lexical atípica, quando comparada a outros momentos históricos, o que reforça o interesse científico pelo estudo da inovação lexical em contextos de crise social.

Além da descrição morfológica, este estudo propõe a elaboração de verbetes lexicográficos para os cruzamentos coletados durante o período da pandemia, acompanhados da explicitação e exemplificação, tal como feito em Silva (2026), trabalho que fornece excelente glossário de formações criadas na pandemia. A metodologia de elaboração desses verbetes segue os princípios formulados por Bugueño Miranda e Farias (2011), o que assegura rigor terminológico, padronização descritiva e adequação às práticas contemporâneas da lexicografia. Essa dimensão do estudo reforça o diálogo entre morfologia lexical e pesquisa lexicográfica, evidenciando o papel dos neologismos na possível atualização de repertórios dicionarísticos.

Ao longo do período analisado, Gonçalves (2020) e Silva (2022) catalogaram cerca de 80 cruzamentos vocabulares que surgiram ou se popularizaram em função da pandemia. Esse número evidencia não apenas a vitalidade do léxico, mas também a necessidade de aprofundar os estudos sobre formação de palavras, de modo geral, e sobre o cruzamento, mais especificamente. A expressiva prolificidade observada num intervalo temporal de apenas dois anos e meio cria, assim, oportunidade privilegiada para a reflexão teórica e descritiva sobre o papel dos cruzamentos na inovação lexical do português contemporâneo. O texto é dividido como se segue: em primeiro lugar, abordamos a metodologia

utilizada na coleta dos dados. Logo após, descrevemos o processo de formação de palavras aqui focalizado: o cruzamento vocabular (CV). Por fim, analisamos algumas formações do *corpus* obtido.

Metodologia empregada na análise

O *corpus* da pesquisa é composto por enunciados extraídos de textos da mídia jornalística (como *Exame*, *Hoje em Dia*, *O Globo* e *IstoÉ*), de redes sociais X (antigo Twitter X), *Instagram* e *Facebook*), de *blogs* (como *Enquanto Almoçamos*, *Escolas Disruptivas* e *Blog Saúde*), bem como de outros *sites* de circulação ampla na *Internet* (a exemplo de *Reclame Aqui*, *Revista Questão de Ciência* e *Takeaway.com*), todos publicados entre março de 2020 e dezembro de 2022. Silva (2026) rastreou todos os CVs que apareceram nessas fontes, o que levou a um conjunto de 78 formações, ponto de partida para nossa análise.

Para comprovar que a palavra realmente não existia antes, lexicógrafos contemporâneos, como Atkins e Rundell (2018), recomendam observar tanto a ausência de registros quanto o ineditismo despertado no pesquisador, um usuário “não ingênuo de sua língua” (Geeraerts, 2016, p. 433). O critério mais objetivo foi a consulta a obras de referência. Se a palavra não aparece nelas, constitui tecnicamente indício de que, de fato, não existia até aquele momento. Desse modo, tomamos como parâmetro o Volp (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa), registro oficial da Academia Brasileira de Letras (ABL). Em linhas gerais, se a construção lexical não está lá, não tem existência oficial no idioma. Também procuramos checar o caráter novitativo da palavra em grandes dicionários, obras como o *Aulete*, Aurélio ou *Michaelis*⁴, que serviram de base para identificar o que já fazia parte do léxico consolidado. Cientes

4 Todos em sua versão *online*, constantemente atualizada. Nas referências, são citadas sempre as versões de 2026, embora tenhamos as acessado no período da pandemia.

de que o registro em dicionários é consequência do uso comunitário, sabemos que o fato de não ser dicionarizada em obras de referência não garante o ineditismo de uso.

Para contornar esse possível obstáculo, apoiamo-nos nos dicionários em formato *wiki*: repositórios lexicográficos dinâmicos e colaborativos por meio dos quais as definições são construídas, editadas e atualizadas em tempo real. Diferentemente de um dicionário convencional, repositórios em formato *wiki* focam na agilidade do registro e na interconectividade (*hiperlinks*) entre os termos. Tal é o caso, por exemplo, do *Dicio*, do *Wikcionário* e do *Dicionário Informal*⁵.

Ainda assim, reconhecemos que a não existência em tais obras de modo algum indica que as palavras coletadas surgiram na pandemia. Desse modo, também consideramos a sensação novitativa perante a formação — “aquele sentimento de estranhamento ao descobrir que compreendemos e até usamos determinada palavra criativa, sem nunca tê-la ouvido/falado antes ou a conhecendo muito recentemente” (Atkins; Rundell, 2018, p. 24)⁶. O *Google Trends* foi o principal parâmetro que balizou nossa seleção, pois fornece gráficos de frequência de palavras do ano de 2004 aos dias atuais.

Com esses cuidados, pudemos concluir se a formação foi ou não criada entre os anos 2020 e 2022, e isso nos levou ao *corpus* já referenciado: 78 cruzamentos. Passemos, na sequência, à definição de nosso objeto de estudo.

5 <https://www.dicio.com.br>, <https://pt.wiktionary.org> e <https://www.dicionarioinformal.com.br>.

6 Tradução livre de “That feeling of strangeness when you discover that you understand and even use a certain creative word, without ever having heard/spoken it before or only recently learning about it”.

O cruzamento vocabular

O cruzamento vocabular (CV) é um processo que, à semelhança da composição, combina dois itens lexicais previamente existentes na língua (Gonçalves, 2003). Diferentemente da composição prototípica (com duas bases livres), entretanto, o CV resulta de uma operação não concatenativa, uma vez que as bases podem ser fundidas, sem a preservação clara dos limites vocabulares (Gonçalves, 2006). Exemplos desse tipo de formação são *mautorista* (*mau* + *motorista*), *crionça* (*criança* + *onça*) e *batatalhau* (*batata* + *bacalhau*). A falta de um processo fonológico que explique a supressão de segmentos geralmente é apontada como a principal diferença entre cruzamentos e compostos por aglutinação (Vital; Balduino, 2024; Andrade; Rondinini, 2016; Rio-Torto, 2014). Esses últimos, embora sejam considerados estágios finais de um processo de lexicalização (Rio-Torto, 1998; Villalva, 2000), puderam ser vistos no período, e um exemplo bem emblemático é *alquingel*:

Uma operação batizada de 'Alquingel' terminou com 1669 litros de álcool em gel apreendidos em embalagens de 500 ml e de cinco litros, além de 3.600 litros de álcool etílico hidratado, na manhã desta terça-feira (5), em Belo Horizonte." (AGÊNCIA MINAS, 2020)

Essa formação é bastante interessante por aglutinar os elementos do sintagma que origina o composto: as formas estão de tal modo integradas que são grafadas em conformidade com o registro fonético, com a clara aplicação de um processo de *sândi*, que leva à supressão da sílaba final de 'álcool', muitas vezes pronunciada ['aũ.ku]⁷. Talvez o processo tenha ocorrido pelo fato de

7 A alusão a 'alquingel', neste texto, está servindo apenas para diferenciar a composição por justaposição do cruzamento vocabular. O primeiro processo é aglutinativo e se explica por um processo fonológico que ocorre em fronteira de palavras: o *sândi* vocálico externo. O segundo, como mostra Gonçalves em seu texto seminal de 2002, sobre morfologia não concatenativa do português, de modo algum se explica em termos puramente segmentais.

o álcool em gel ter sido tão importante na época que, de tanto falado, acabou quase lexicalizado, embora esse dado também possa ser usado contra a hipótese da improdutividade da composição por aglutinação (Villalva, 2000):

Figura 1 – *Alquingel*



Fonte: Silva, 2026, p. 98.

Seja qual for o entendimento, a forma em questão de modo algum constitui um CV, uma vez que a sucessão linear das bases não é rompida nem por fusões nem por supressões sem motivação fonológica (Vital; Gonçalves, 2023). Basilio (2005) analisa justamente casos de CV que se caracterizam por sobreposição de segmentos. Para ela, a chamada Fusão Vocabular Expressiva (Fuves) é um processo de formação de palavras em que ocorre a interpenetração de dois ou mais vocábulos. Diferentemente da composição (como *aguardente*), na Fuves, as palavras se misturam de tal forma que partes delas são perdidas ou sobrepostas para criar um efeito expressivo, irônico ou lúdico.

Embora o CV possa parecer um procedimento idiossincrático ou fortemente marcado pela criatividade individual, revela regularidade quando analisado sob as perspectivas métrica e prosódica. Conforme observa Andrade (2013, p. 45), trata-se de um processo “regido, sobretudo, pela semelhança fônica entre as bases”, o que permite identificar padrões recorrentes e, consequentemente, estabelecer uma tipologia relativamente estável.

Segundo Andrade (2009), os CVs podem ser classificados em três principais tipos de formação. O primeiro é o cruzamento por

interposição (também denominado entranhamento, impregnação lexical ou Fuves, no qual as duas bases compartilham material fonológico, fenômeno conhecido como ambimorfemia (Piñeros, 2000). Nesse caso, há reciprocidade de segmentos, traços ou sílabas entre as formas de base e a forma resultante, como em **apertamento** (*apertado* + *apartamento*), **namorido** (*namorado* + *marido*) e **burrocracia** (*burro* + *burocracia*), em que unidades compartilhadas estão em negrito.

O segundo tipo corresponde à combinação truncada (Gonçalves, 2016), que se aproxima um pouco mais da composição por justaposição, pois não envolve compartilhamento direto de material fonológico. Há, contudo, perda de massa fônica sem atuação de processos segmentais e sobreposição no ponto de fusão das bases, como se observa em *toboágua* (*tobogã* + *água*), *futevôlei* (*futebol* + *vôlei*) e *forrogode* (*forró* + *pagode*). Nesses casos, a fonologia ocupa papel crucial no tipo de CV, como mostram Vital e Gonçalves (2023), pois combinam-se pés métricos que preservam maximamente a forma de base mais curta.

Por fim, o terceiro tipo é a substituição sublexical (SSL), também denominada reanálise ou analogia (Basilio, 2005). Nesse caso, uma unidade não morfêmica de uma palavra é reinterpretada como significativa e substituída por outra (Gonçalves, 2003). Andrade (2013) exemplifica esse tipo com *bebemorar*, em que a primeira parte de *comemorar*, que se assemelha a *comer*, é associada ao verbo *beber*, e *boadrasta*, em que a sílaba *ma-*, de *ma-drasta*, é reinterpretada como o adjetivo *má* e substituída por seu antônimo.

Não há consenso se a SSL constitui um tipo de cruzamento. Andrade (2009; 2013) assim considera, mas outros autores, numa linha mais semântica, consideram-no um fenômeno independente, que pode ser chamado de reanálise ou analogia (Almeida, 2005; Gonçalves; Almeida, 2004; Gonçalves, 2005; Álvaro, 2003). Partilhamos da proposta desses últimos autores e entendemos que a SSL constitui processo à parte, embora presente, no nível

da palavra criada, muitas semelhanças com CVs. Essa é a razão pela qual analisaremos as duas únicas formações encontradas.

Cruzamentos pandêmicos

Começemos com um dado aparentemente malcomportado: *mascne*. Essa formação ('acne provocada pelo uso contínuo de máscara') parece divergir do padrão de interposição, descrito na seção precedente, se consideradas as bases vernáculas *máscara* e *acne*. No entanto, trata-se de um estrangeirismo: um decalque do inglês *maskne* (< *mask* + *acne*), língua em que o cruzamento é regido por princípios não necessariamente idênticos aos do português (Vital; Gonçalves, 2023).

Entre os tipos de CV identificados, o mecanismo da interposição lexical revelou-se o mais representativo, respondendo por 76,9% das ocorrências (60, dos 78 dados recolhidos). Esse resultado confirma os achados de Silva (2019, p. 17), segundo a qual "80% dos cruzamentos vocabulares do português brasileiro são caracterizados pelo aproveitamento de pelo menos um segmento comum às palavras-matrizes". Em Gonçalves (2006), encontra-se um percentual acima de 80% de cruzamentos por superposição das bases, o que, sugere o autor, é um percentual bem expressivo que revela ser a ambimorfemia a estratégia procurada pelo conceptualizador para fundir duas palavras: com esse recurso, cruzamentos acabam se tornando mais transparentes porque preservam o máximo de fonologia das formas de base.

Portanto, o traço formal distintivo dos CVs por interposição é a semelhança fônica entre as bases envolvidas. Essa semelhança pode manifestar-se sob a forma de vários segmentos silábicos (*carentena*), sílabas inteiras (*coronaro*), segmentos fônicos individuais (*covidengue*) e/ou elementos suprasegmentais, como a estrutura métrica (número de sílabas) e prosódica (pauta acentual). A ruptura — concomitante à fusão — tende a ocorrer justamente

no ponto de coincidência segmental ou silábica, como em *covidiota* e *quarentreino*. Como esses usos são datados e estão em desuso no atual estágio da língua, como mostraremos a seguir, optamos por fornecer um verbete lexicográfico para cada um, nos moldes de Bugueño Miranda (2009)⁸:

carentena (ca.ren.te.na) **sf. 1** sentimento de privação afetiva provocado ou intensificado pelas medidas de isolamento social em virtude da pandemia da covid-19: “A famosa carência, que no isolamento social ganhou o nome de ‘*carentena*’, faz com que aumente a biscoitagem nas redes sociais, as conversas em apps de paquera e postagens nostálgicas com a hashtag ‘#tbt’.” (Silva, 2022, p. 22). [F: caren[te] + [qu]arentena].

coronaro (co.ro.na.ro) **sm. 1** termo depreciativo usado para se referir ao presidente Jair Bolsonaro, resultante do cruzamento entre Corona e Bolsonaro, para ironizar a falta de compromisso do chefe do governo com as medidas de isolamento: “Todos contra *Coro-Naro* !!!!!” (twitter, 24/04/2020) Jair *Coronaro* foi pra padaria, farmácia, praia, fez churrasco... e testou 3 vezes negativo para o covid19 (Silva, 2022, p. 22). [F: coro[na] + [Bolso]naro].

covidengue (co.vi.den.gue) **sf. 1** coexistência da covid-19 e da dengue em uma mesma pessoa: “Dalcídio apresenta melhoras da ‘*covidengue*’ e faz até política ao falar da doença.” (Silva, 2022, p. 23). [F: covi[d-19] + dengue].

covidiota (co.vi.di.o.ta) **subst. e adj. 1** Aquele que ignora as recomendações de saúde pública, recusando-se a usar máscaras ou adotar medidas de distanciamento físico: “Enfermeira flagra mulher diagnosticada com covid em shopping: ‘*Covidiota*’.”

8 Um verbete tem de oferecer ao consulente variadas informações. Estas incluem a correta grafia da palavra; a classe gramatical a que pertence; as informações fonéticas relativas à prosódia e separação silábica; a série de significados, desde os denotativos aos conotativos; as abonações do vocábulo retiradas da mídia impressa ou as frases exemplares formuladas pelo dicionarista e, quando possível, os dados etimológicos.

(revistamarieclare, 05/01/2022) **2** pessoa que, alarmada pelo temor do escasseamento de determinados itens essenciais, comprou-os em grande quantidade, esvaziando as prateleiras dos supermercados sem se preocupar com os demais. [F.: covid[19] + idiota].

quarentreino (qua.ren.trei.no) **sm. 1** atividade física praticada dentro de casa ou do apartamento em virtude da necessidade de manter o distanciamento físico durante a pandemia, muitas vezes realizada com a ajuda de um profissional por meio de vídeos: “Quarent-Treino é para você que precisa daquela forcinha, uma companhia divertida e especializada pra treinar em casa!” (Silva, 2022, p. 22). [F.: quarent[ena] + treino].

Confirmando a improdutividade: o Google Trends

O *Google Trends* é uma ferramenta gratuita que permite acompanhar o volume de buscas por termos e assuntos no Google e no YouTube ao longo do tempo. Funciona como uma espécie de termômetro do que se está pesquisando, no Brasil e no mundo, ajudando a identificar tendências, picos de interesse e sazonalidade. Diferentemente de ferramentas de SEO⁹, que mostram o número exato de buscas, o Google Trends usa uma escala de 0 a 100:

100: Representa o pico de popularidade do termo no período e local selecionados;

50: Significa que o termo teve metade da popularidade do pico;

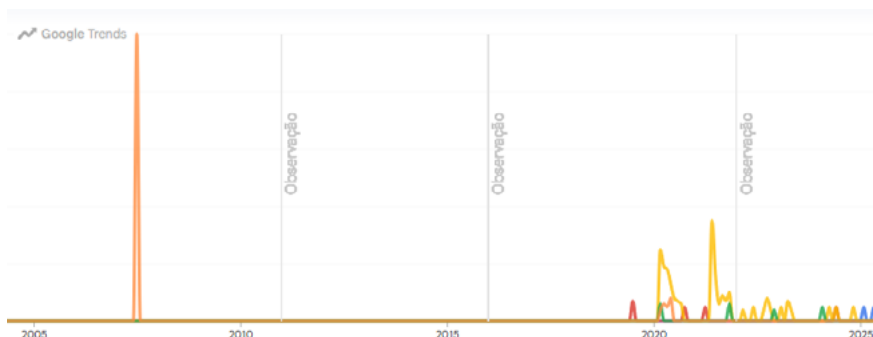
0: Indica que não houve dados suficientes para o termo.

Embora não tenha sido criado para controlar a frequência de itens lexicais, o Google Trends pode constituir importante ferramenta para trabalhos sobre inovação lexical e pesquisa

9 Ferramentas de SEO (*Search Engine Optimization*) são *softwares*, plataformas ou extensões de navegador projetados para ajudar *sites* a aparecerem nas primeiras posições de buscadores como o *Google*.

lexicográfica, pois permite verificar os picos de uso de palavras, simples ou complexas. Possibilita, ainda, comparar até cinco termos simultaneamente para entender qual marca, produto ou assunto é mais popular. A seguir, temos o gráfico de frequência das cinco palavras definidas na seção precedente, cada qual representada por diferentes cores, como se vê na legenda.

Gráfico 1 – Picos de frequência de *carentena* (amarelo), *coronaro* (verde), *covidengue* (azul), *covidiota* (vermelho) e *quarentreino* (laranja)



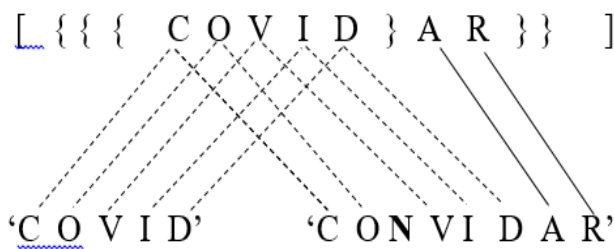
Fonte: Google Trends, 2026.

Pelo Gráfico 1, constata-se que essas palavras foram usadas, ainda que com baixa frequência, no período da pandemia, estancando o uso a partir de 2025. Como se vê, não há registros em 2026, o que nos leva a suspeitar sobre a vitalidade de tais formações. O pico de *quarentreino* em 2007 se deve a um outro CV: o empregado para nomear o treino de pessoas 40+, que teve seu auge no período, mas logo caiu em desuso. Voltemos à análise de outros CVs por entranhamento criados no período pandêmico.

O fenômeno da ambimorfemia evidencia-se de maneira exemplar em *covidar*, em que a base menor (*covid*) tem todos os seus segmentos representados na forma resultante, visto que esses segmentos integram a base maior (*convidado*), ainda que esta não apresente a vogal nasal no cruzamento, traço esse

representado pelo **N** (arquifonema nasal) em negrito. Em termos de formalização, linhas sólidas representam elementos exclusivos de uma das palavras; linhas pontilhadas sinalizam segmentos correspondentes. As demais convenções são as seguintes: colchetes representam a única palavra prosódica resultante do cruzamento das duas palavras morfológicas, demarcadas por chaves:

Figura 2 – Representação morfoprosódica de *covidar*



Fonte: Elaboração própria.

Considerando que o verbo “convidar” apresenta uma nasal, podemos afirmar que todos seus segmentos estão presentes no cruzamento, exceto o traço de nasalidade. O fato de haver total sobreposição à esquerda confirma a ideia de que o processo explora maximamente a semelhança das bases, preservando a forma mais curta (Gonçalves, 2023). Um verbete para essa formação, em desuso desde 2022, pode ser expresso da seguinte maneira, ainda seguindo as orientações de Bugueño Miranda (2009):

covidar (co.vi.dar) **v. 1** Ato de convidar alguém para um evento presencial, aglomeração ou atividade social durante o período de pandemia, ignorando protocolos de segurança e, consequentemente, «convidando» o vírus para o encontro.: “Vamos lá falar em... Covidar. As palavras que a pandemia colocou na nossa boca.” (Silva, 2022, p. 25) [F.: covid-[19] + [con]vidar].

Outros entranhamentos lexicais muito usados no período da pandemia de covid-19 são definidos na sequência:

covard-17 (co.varde.de.zes.se.te) **sm. 1** termo usado para se referir ao então presidente, Jair Bolsonaro. O termo alude à atitude do ex-presidente na gestão da crise sanitária, encarada como covarde pela opinião pública e ao número de candidatura nas eleições de 2018 (17). A formação é uma analogia à sigla designativa da doença (covid-19). [E: cov[id] + covard[e] + 17].

bovid-17 (bo.vid.de.zes.se.te) **sm. 1** termo de natureza sarcástica e irônica usado para se referir ao efeito do discurso do então presidente Jair Bolsonaro em seus apoiadores. Seria a “doença” provocada pelo “bolsovírus”: “Bovid-17 é uma doença de caráter neurodegenerativo, que afeta o sistema nervoso causando agressividade, além de provocar danos incisivos ao córtex pré-frontal, comprometendo capacidades cognitivas como senso crítico ou noção da realidade” (Oliveira, 2020). [E: bo[i] + [co]vid + 17].

coviciano (co.vi.ci.a.no) **Adj. m. 1** Termo irônico utilizado em referência ao presidente Bolsonaro, cuja suposta vinculação com as milícias, sobretudo no RJ, sempre foi atinada. ‘coviciano’: Bolsonaro corta salários outra vez na pandemia” (Morais, 2021). [E: covi[d] + [mili]ciano].

covidivórcio (co.vi.divór.cio) **sm. 1** apelido dado à onda de separações provocada pelo confinamento da covid-19: “Os casais, cujas uniões estão se desfazendo sob as pressões do isolamento, talvez estejam caminhando para um ‘covidivórcio’ (Silva, 2022, p. 27). [E: covid[19] + divórcio].

A consulta pelo Trends confirma que o uso dos cinco cruzamentos acima definidos é extremamente datado (2020-2022), uma vez que nenhum deles aparece após o período pandêmico, o que confirma a efemeridade desses entranhamentos lexicais. Como dois desses CVs são emblemáticos do período, uma vez que aludem ao número com que o então chefe do poder executivo foi eleito (17, extinto Partido Social Liberal), é natural que não

apareçam depois de 2022, fase em que partido político foi desfeito e o então presidente passou para o PL (Partido Liberal), concorrendo à reeleição com o número 22. O mesmo pode ser dito em relação ao dados em que a base *covid* é parte do cruzamento: uma vez passada a pandemia, não mais há razões para empregá-los.

O segundo tipo de CV identificado, a combinação truncada, mostrou-se menos atuante, correspondendo a 20,5% do *corpus* (16 dados). Nesse tipo, não há obrigatoriedade de segmentos coincidentes entre as bases. Em *esquizocovidfrenia* (< *esquizofrenia* + *covid*), a base menor é inserida no ponto de junção dos radicais neoclássicos *esquizo-* e *-frenia*, em um procedimento de “ensanduichamento” muito pouco frequente no português, conforme observado por vários autores (Gonçalves *et al.*, 2016; Andrade; Rondinini, 2016; Silva, 2024). Abordagens sobre o fenômeno, até onde conhecemos, não relatam esse tipo de formação, na qual uma forma inteira aparece separando os constituintes de um CV:

esquizocovidfrenia (es.qui.zo.co.vid.fre.ni.a) **sf. 1** ocorrência de comportamentos ligados a covid-19 marcados por um profundo irracionalismo, caracterizados por percepções e crenças ilusórias: “O Brasil vive um cenário peculiar: convive não com uma, porém com duas epidemias simultâneas: a pandemia viral de Covid-19, que acabou por provocar uma segunda epidemia – mental – que denominei esquizocovidfrenia”. (Silva, 2022, p. 28) [E: *esquizofrenia* + *covid*].

Outras combinações truncadas encontradas no período são as seguintes:

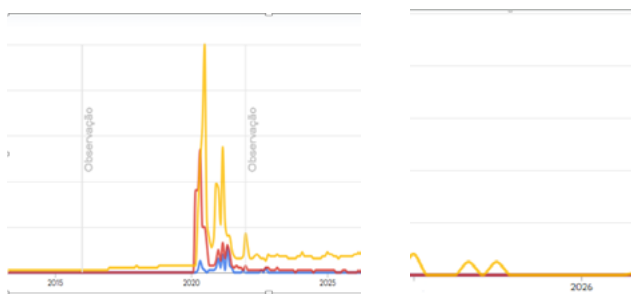
covidlância (covi.di.lân.cia) **sf. 1** Ambulância em que se transportam muitos pacientes de covid-19: “Enquanto isso, nas covidilâncias, prosseguem as batalhas da chamada guerra das vacinas” (Silva, 202, p. 26), [E: [*covid*[19] + *lância*].

gadoquina (ga.do.qui.na) **sf. 1** Ivermectina. A cloroquina do gado (seguidores do então presidente, amplamente conhecidos pelo comportamento manada):

“A vacina tá no posto, mas o gadoquina prefere acreditar em zap e tomar o Kit Covid”. @CIDADAOCOMIUM_BR, 2022. [F: gado + [cloro]quina.

O gráfico de frequência para essas três combinações truncadas é o seguinte. Observe-se que somente uma das formas, *gadoquina* (em laranja), alcançou o pico de popularidade no período da pandemia de covid-19. *Covidlância* (em vermelho) chegou a ter 50% de popularidade e depois declinou drasticamente. *Esquizocovidfrenia* (em azul) apresentou baixa frequência desde sua criação. Observa-se que as três não chegam a ter uma menção sequer em 2026.

Gráfico 2 – Picos de frequência de *esquizocovidfrenia* (azul), *gadoquina* (laranja) e *covidlância* (vermelho)



Fonte: Google Trends, 2026.

Para representar a estrutura morfoprosódica da combinação truncada, analisemos o cruzamento *flurona*, termo com o qual se nomeia uma doença que combina dois vírus: o corona e o influenza, amplamente conhecido pela forma inglesa *flu*. Observe-se que a menor forma de base, *flu*, é inteiramente aproveitada, ao contrário da mais longa, *corona*, que não manifesta sua sílaba inicial. Não há compartilhamento de massa fônica, mas a palavra mais longa é evocada porque preserva sua parte mais saliente, o chamado pé nuclear (a sílaba tônica mais a postônica). Desse modo, a palavra *corona*, paroxítona com três sílabas, é metricamente

idêntica ao cruzamento, *florona*, o que possibilita a alusão à maior forma de base:

Figura 3 – Representação morfoprosódica de *flurona*



Fonte: Elaboração própria.

Como não há ambimorfemia, a representação tem apenas linhas sólidas, pois nenhum segmento é compartilhado. Além disso, observamos limite mais rígido entre as duas formas de base, o que acarreta a existência de duas chaves no interior do cruzamento. Por fim, a sílaba <co> não aparece no cruzamento (está em negrito), mas é fortemente evocada pela palavra *flu*, um monossílabo. A definição do termo é fornecida a seguir:

flurona (flu.ro.na) **sf. 1** Med. ocorrência de gripe e covid-19 simultaneamente em um mesmo paciente: “Apelidada de floruna [sic], as duas infecções foram encontradas em uma mulher grávida não vacinada que apresentava sintomas leves, de acordo com informações do Hospital Beilinson, em Petah Tikva” (Correio Brasiliense, 2022). [F: influenza + corona].

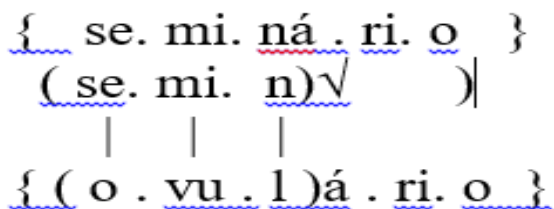
O terceiro tipo, a substituição sublexical (SSL), corresponde a 2,6% do *corpus* (duas ocorrências). Como já tivemos a oportunidade de ressaltar, as formações desse grupo nem sempre são consensualmente classificadas como cruzamentos vocabulares, uma vez que não envolvem a fusão de duas bases completas, mas a reinterpretação e a substituição de uma sequência de apenas uma delas. Resolvemos mostrar esses dados, apesar da polêmica.

Frequentemente, esse mecanismo associa-se a processos de ressignificação e a intenções discursivas de oposição ou crítica.

A formação *ovulário* ('evento acadêmico promovido por mulheres'), cunhada no período da covid-19, ainda que indiretamente relacionada à pandemia¹⁰, ilustra de modo elucidativo esse fenômeno. A nova formação decorre da interpretação de que, em *seminário*, o elemento *semin-* remeteria necessariamente ao masculino, sendo, por isso, substituído por um elemento considerado mais adequado ao perfil do evento. Etimologicamente, contudo, *seminário* remonta ao latim *seminarium*, 'viveiro de plantas', e suas acepções modernas derivam de uma metáfora agrícola associada à ideia de sementeira do conhecimento, possivelmente influenciada pela parábola bíblica do semeador. Palavras como *sêmen*, *semente*, *semeiar*, *disseminar* e *seminário* compartilham a raiz latina *semen*, *-inis*, 'semente, germe', de modo que a relação entre *sêmen* e *seminário* é etimológica, mas não ideologicamente marcada.

Do ponto de vista discursivo, contudo, a criação de *ovulário* pode ser interpretada como um gesto político-simbólico. Independentemente da correção etimológica, a escolha lexical funciona como estratégia de marcação identitária, inserindo-se na disputa simbólica pelos sentidos das palavras. Trata-se de mecanismo recorrente em movimentos sociais. Nesse contexto, a analogia formal e a motivação política são elementos centrais do processo. Temos a seguinte formalização do processo. Perceba que uma forma foi reinterpretada como radical e substituída por outra, que formalmente se comporta como cruzamento, daí a polêmica:

10 Sabe-se que, durante o período de isolamento social, o avanço das tecnologias digitais foi extremamente importante para manter os vínculos pessoais e profissionais. Muitos foram os eventos científicos (seminários) realizados remotamente, e o ensino formal também acabou se adaptando a essa nova realidade. A formação em análise surgiu em função dos inúmeros eventos realizados *online*, incluindo este, razão pela qual foi uma criação efetuada durante a pandemia.

Figura 4 – Representação formal da reanálise de *seminário*

Fonte: Elaboração própria.

Assim, embora *ovulário* se assemelhe superficialmente a uma sufixação X-ário, como *covidário*, sua natureza é a de uma SSL, com efeito metonímico semelhante ao observado em *buce-tante*, analisado por Gonçalves e Assunção (2009) como produto da neoanálise de *picante*. No caso em questão, a neoanálise, um pouco mais erudita, tenta resgatar a etimologia da palavra-alvo.

Cruzamentos neológicos e funções da nova forma

Dentre os traços característicos dos cruzamentos vocabulares novos, como de outros neologismos, elencamos os seguintes: em primeiro lugar, aparece a função de nomeação/rotulação (Basilio, 1987) – frequentemente a formação de uma nova palavra está associada a uma necessidade linguística. O novo item lexical, nessa perspectiva, viria a designar um conceito ou um objeto novo. É o que se observa em *webnário*, termo designa um seminário realizado em ambiente virtual. Veja-se o verbete:

webnário (web.ná.rio) **sm. 1** seminário realizado inteiramente *online* com transmissão de áudio e vídeo, em que a interação dos participantes ocorre por meio de *chat*: “O Webnarário ‘O Poder das Mulheres, Mulheres no Poder’, realizado pela TV Anhanguera e G1 Goiás em parceria com a Megasoft, no dia 11/03, na semana em que se comemora o Dia Internacional da Mulher, repercutiu os 90 anos da conquista do voto

feminino no Brasil, celebrado no dia 24/2” (G1 Goiás, 2020). [F: *web* + seminário].

Cabe ressaltar, porém, que a criatividade lexical é, com alguma frequência, motivada por intenções expressivas e estilísticas. Com o cruzamento vocabular não é nada diferente: constitui processo muito fértil nesse sentido. Embora seja um processo fecundo do ponto de vista da formação de palavras em geral, torna-se produtivo no campo da produção lexical de caráter avaliativo, como se vê no exemplo a seguir:

(2) Jair Coronaro foi pra padaria, farmácia, praia, fez churras-co... e testou 3 vezes negativo para o covid19 (Silva, 2022, p. 27).

A formação apresentada em (2) combina *Corona* + *Bolsonaro*. O ponto de semelhança entre os dois vocábulos, a sílaba <na>, reforça a relação sonora entre as duas palavras. A significação básica do texto não seria perdida caso se prescindisse da nova formação. Contudo, haveria grande perda em expressividade, característica muito cara para o gênero textual *tweet*. O vocábulo criado, que faz o então presidente levar o vírus no nome, remete a atitudes do mandatário, que teriam favorecido a propagação do vírus. De acordo com Gonçalves (2020), tanto *bolso-* quanto *-naro* constituem *splinters*¹¹. A criação dessas partículas data de 2017, período eleitoral de grande polaridade política, e se estende pela pandemia, época em que proliferaram *bolso-* e *-naro* nas estruturas morfológicas do português, quer por conta do negacionismo do ex-chefe do executivo, quer das polêmicas em torno da

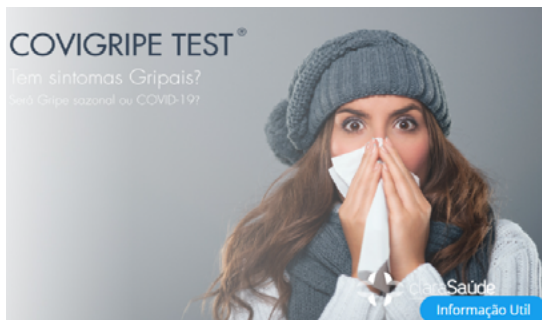
11 *Splinters* são pedaços de palavras utilizados com fins lexicais e recorrem em uma das bordas de grupos de formas linguísticas morfossemanticamente relacionadas. São unidades morfológicas que atuam em uma zona cinzenta da morfologia: assemelham-se a radicais porque portam significados mais densos, mas também se comportam como afixos porque são formas presas (não funcionam sozinhos e exigem acoplamento à esquerda ou à direita. Gonçalves et al. (2016) abordam as inúmeras diferenças entre cruzamentos e *splinters*.

vacinação e das medidas de isolamento social. Muitas formações sobrevivem até hoje (*bolsomínion*, *bolsomito*, *maçonaro*, *satanaro*). A vitalidade desses *splinters* pode ser comprovada pelas recentes formações *bolsomaster* e *milicinaro*. A primeira é o termo e a *hashtag* que viralizaram na *internet* no mês de maio de 2026 para definir o escândalo político e financeiro que envolve a família de Jair Bolsonaro e o banqueiro Daniel Vercaro, dono do Banco Master. O segundo é um neologismo pejorativo utilizado por opositores políticos para se referir ao clã dos Bolsonaro.

Gonçalves (2020) analisou cerca de 150 neologismos criados com base no sobrenome de Jair Bolsonaro. Foi nessa pesquisa que defendeu que *bolso-* começou a operar como *splinter* no português brasileiro. Em Gonçalves (2022), *-naro* também foi interpretado como *splinter*. Gonçalves (2025) analisa mais de trezentas criações em série e discute mais teoricamente a natureza desses dois *splinters* advindos de um antropônimo. Dada a alta frequência dessas construções e a natureza dos padrões, não os computamos nesta pesquisa. Voltemos aos CVs que nos interessam mais diretamente neste trabalho.

As palavras relacionadas em um CV, em geral, possuem um vínculo anterior, que pode ser representado tanto pelo pertencimento ao mesmo domínio (5), quanto pela relação metafórica entre duas entidades (6) ou mesmo pela correlação temporal (7). A seguir, apresentam-se as imagens que atestam o amplo uso desses cruzamentos à época:

Figura 5 – Logotipo do exame laboratorial *Covigripe*



Fonte: Acervo digital Clara Saúde, 2026.

Figura 6 – Manifestação visual do termo *Bolsonavírus*



Fonte: Gonçalves, 2020, p. 106.

Figura 7 – Registro gráfico da expressão *Confinastê*

Fonte: Plataforma Ahazou, 2026.

Na Figura 5, os itens combinados designam patologias correlatas, originando uma unidade para descrever a sobreposição sintomática ou a dúvida diagnóstica entre a covid-19 e a *influenza*. Na imagem seguinte, rastreada por Gonçalves (2020), o amálgama entre *Bolsonaro* e *vírus* funciona como uma ironia à retórica de minimização da crise sanitária pelo ex-presidente. Por fim, a saudação *confinastê* (Figura 7) operou como um marcador discursivo comum durante o isolamento físico. Os verbetes para essas formas estruturam-se da seguinte maneira:

covigripe (co.vi.gri.pe) **sf. 1** Med termo criado para descrever a sobreposição de sintomas ou a dúvida se uma pessoa está com Covid-19 ou Gripe (Influenza): “Estamos mobilizando todas as equipes para fazer o dia de combate à Covigripe”. (Casos, 2022) [F.: covid + gripe].

bolsonavírus (bol.so.na.ví.rus) **sm. 1** termo político e metafórico. O neologismo foi cunhado por críticos e opositores para satirizar ou definir a linha ideológica, a retórica e as práticas de governo associadas ao ex-presidente brasileiro Jair Bolsonaro: «O Brasil sob o ataque combinado do coronavírus e do bolsonavírus”. Xico Sá – *Tweet* de 15/08/2020. [F.: Bolsonaro + vírus].

confinastê (con.fi.nas.tê) **interj. 1** Relig. expressão usada na saudação yogue entre confinados em isolamento físico. Cruzamento de confinado e Namastê (o deus

que habita em mim saúda o deus que habita em você): “Em meio às gírias e expressões do momento, que brotam da necessidade de os grupos tentarem criar um código, geralmente em tom jocoso, surgiu ainda um “*confinastê*”, primo torto da saudação hindu, adotada pela turma do paz e amor no mundo virtual.” (Capobianco; Barbosa, 2020). [F.: confinado + namastê].

Nos cruzamento vocabulares por entranhamento (Gonçalves, 2003), as Fuves de Basilio (2005), pôde-se notar que, além de uma unidade adentrar em outra, provocando fusão de um ou mais segmentos, predomina a função expressiva de avaliação (Basilio, 1987), uma vez que, em quase 90% dos dados, o conceptualizador se coloca explicitamente na formação lexical, emitindo juízo de valor sobre algo ou alguém (Gonçalves, 2016). Por essa razão, a identidade formal entre as palavras foi muito explorada durante a pandemia. Exemplo bem elucidativo, pela enorme semelhança fônica entre as bases, é *covidiota* (covid + idiota), formação sem qualquer perda segmental das duas matrizes lexicais.

Nos casos de combinação truncada, ao contrário, predomina a função de nomeação/rotulação, que abrange cerca de 80% das formações. Tal é o caso de *deltacron*, nome criado para a mistura dos nomes de duas variantes diferentes da própria covid-19 (a variante delta e a variante ômicron). Tal cunhagem é motivada pela necessária nomeação de uma nova cepa, e, por isso mesmo, não há qualquer juízo de valor por parte de quem criou a nova palavra. Na sequência, abordamos mais de perto a questão da efemeridade do que podemos chamar de cruzamentos pandêmicos.

Palavras finais: a efemeridade dos CVs

Em linhas gerais, CVs são caracterizados por sua efemeridade (Bat-el, 2006; Balieva, 2019): surgem, ganham alta popularidade em um curto espaço de tempo e tendem a desaparecer por completo. Com efeito, o caráter efêmero dos neologismos se

reflete quando o contexto social, tecnológico ou cultural que os gerou deixa de existir (Alves, 1990). Esee foi o caso de mais de 85% das formações encontradas no *corpus* (64 dados), que deixaram de ser usadas justamente por conta do fim da pandemia, como atestamos via Google Trends. Se o período de confinamento acabou, é natural que várias formas relacionadas com esse cenário também desapareçam.

O percentual de sobrevivência das formações de nosso *corpus* não chegou nem a 15% (14 dados), o que não significa que apenas CVs desaparecem com o tempo, mas também compostos e derivados inéditos quase sempre não têm vida longa (Lehrer, 2007; Mattiello, 2013). Silva (2026), que analisou o léxico da pandemia, mostrou que tanto compostos quanto derivados criados na época também caíram em desuso, a exemplo de, respectivamente, *covid longa* e *jacareização*. Muitos recompostos¹² também caíram no ostracismo, como *coronababy*, *covidmaníaco* e *coronacrise*.

Para autores como Basílio (2005), a efemeridade dos CVs está ligada à oportunidade da nomeação: uma vez que a palavra foi criada apenas para um evento ou *meme* específico, tende a fossilizar rapidamente. Dicionaristas são bastante cautelosos quanto ao registro de novas formas. De fato, muitas palavras deixam de ser efêmeras quando sobrevivem à troca de geração: se os filhos usam a palavra que os pais criaram, ela sai da zona de efemeridade e entra na fase de consolidação (Alves, 1990).

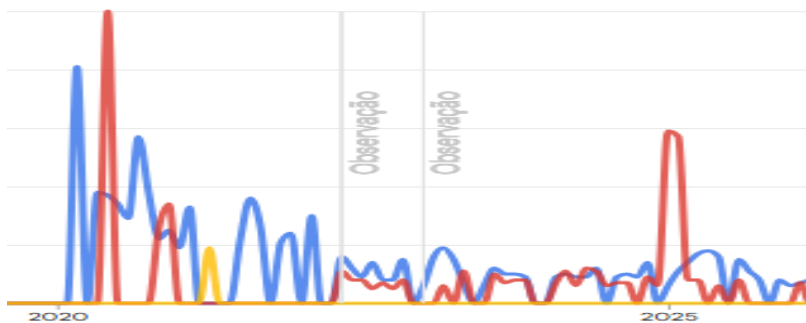
Dado que a maior parte dos cruzamentos catalogados exerce função expressiva de avaliação (cerca de 85% da amostra), tais itens perdem o apelo irônico original com o distanciamento temporal do fato político-social, caindo em desuso mesmo em um intervalo inferior a cinco anos. Em contrapartida, as formas predominantemente designativa resistem ao tempo, consagrando-se

12 Na recomposição, “parte de um composto neoclássico assume o significado do todo e se combina com outras palavras, levando as novas formações a ativar a construção complexa de onde se desgarrou” (Gonçalves, 2020, p. 91).

como testemunhos vivos de um período histórico. Ilustram essa dinâmica os vocábulos *webnário* (*web* + *seminário* = seminário feito de forma remota) e *sindemia* (*sinergia* + *pandemia*), este último mobilizado na literatura médica para descrever a interação sinérgica entre duas ou mais patologias, o que agrava o impacto sobre a população.

O monitoramento quantitativo evidencia que *webnário* e *flurona* persistem no idioma, ainda que com frequência moderada, por designarem referentes conceituais contínuos, como as conferências virtuais e os diagnósticos de dupla contaminação viral. Por outro lado, a forma *quarenteino* perdeu funcionalidade com a alteração do quadro sanitário: a cessação da quarentena esvaziou a necessidade pragmática de designação dessa modalidade de atividade física. O gráfico comparativo a seguir ilustra o comportamento dessas três unidades lexicais, evidenciando que as duas primeiras mantiveram estabilidade, ao passo que a última registrou um pico restrito entre os anos de 2020 e 2022, tendendo a zero subsequentemente.

Gráfico 3 – Picos de frequência de *webnário* (azul), *flurona* (vermelho) e *quarenteino* (laranja)



Fonte: Google Trends, 2026.

As formações que não se fixaram no léxico comum testemunham um momento sócio-histórico de acentuada polarização política no país. A maior parte dessas unidades remete, em perspectiva crítica, à atuação do ex-presidente Jair Bolsonaro em relação à crise sanitária (Silva, 2024), marcado por controvérsias associadas ao negacionismo científico e à condução das políticas de isolamento profilático. Criações como *bolsomínion* e *bolsocaro*, que envolvem a operação de *splinters*, já foram objeto de análise na literatura morfológica do português em período anterior à pandemia (Silva, 2019), razão pela qual foram excluídas da presente descrição.

Em suma, a volatilidade constitutiva do cruzamento vocabular não o afasta dos demais processos de formação de palavras. Na atualidade, as plataformas digitais configuram os principais vetores de neologismos efêmeros, atuando como aceleradores que geram, difundem e descartam estruturas morfológicas em tempo recorde. Esse dinamismo contemporâneo reforça a relevância metodológica de glossários e repertórios lexicográficos específicos dedicados a documentar a memória linguística de marcos sócio-históricos, como a pandemia de covid-19.

Lexical innovations in times of health crisis: a study on vocabulary crossings created during the covid-19 pandemic

ABSTRACT: In this text, our main goal is to describe and analyze the lexical creations through vocabulary crossing that occurred or were widely disseminated between March 2020 and December 2022, the period in which the covid-19 pandemic occurred. We seek to identify the main motivations for each one, as well as check if they are still active today. We also intend to discuss the social and cultural factors that motivated these innovations, highlighting the close relationship between new words and social transformations. The main objective of the text is to confirm the ephemeral nature of such formations, showing that most are extremely dated and ultimately did not take hold, becoming true linguistic fossils. Since many neologisms are, in fact, ephemeral, we have chosen to provide lexicographical entries for each intersection presented in the article in order to give the reader a broader definition of the constructions created at the time by this important word-formation process.

KEYWORDS: morphology; word formation; lexical blend; neologism.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA MINAS. *Força-tarefa apreende produção clandestina de álcool em gel em BH*. Belo Horizonte, 5 maio 2020. Disponível em: <https://agenciaminas.mg.gov.br/noticia/forca-tarefa-apreende-producao-clandestina-de-alcool-em-gel-em-bh>. Acesso em: 11 jun. 2026.

ALMEIDA, M. L. L. Cruzamento vocabular no português: aspectos semântico-cognitivos. In: MIRANDA, N. S. (org.). *Linguística e Cognição*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, v. 1, 2005. p. 157-170.

ALVARO, P. T. *Nas raias da recategorização léxico-semântica: uma análise sóciocognitiva da combinação lexical em português*. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

ALVES, I. M. *Neologismo*. São Paulo: Ática, 1990.

ANDRADE, K. E. Entranhamento lexical, combinação truncada e analogia: estudo otimalista sobre padrões de Cruzamento Vocabular. In: GONÇALVES, C. A. et al. (org.). *Otimalidade em foco: morfologia e fonologia do português*. Rio de Janeiro: Publit Soluções Editoriais, 2009, p. 123-145.

ANDRADE, K. E. *Proposta de continuum composição-derivação para o português do Brasil*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

ANDRADE, K. E.; RONDININI, R. B. Cruzamento vocabular: um subtipo da composição? *DELTA*, São Paulo, v. 32, n. 4, p. 1047-1072, 2016.

ATKINS, B.; RUNDELL, M. *The Oxford guide to practical lexicography*. Oxford: Oxford University Press, 2018.

BASILIO, M. A Fusão Vocabular como Processo de Formação de Palavras. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 4, 2005, Salvador. *Conferência...* Salvador: UFBA, 2005.

BASILIO, M. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.

BAT-EL, O. Blend. In: BROWN, K. (ed.). *Encyclopedia of language & linguistics*. Oxford: Elsevier, 2006, p. 66-70.

BELIAEVA, N. Blending creativity and productivity: on the issue of delimiting the boundaries of blends as a type of word formation. *Lexis – Journal of English Lexicology*, n. 14, p. 1-22, 2019.

BUGUEÑO MIRANDA, F. V. Para uma taxonomia de paráfrases explanatórias. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 53, n. 1, p. 243-260, 2009.

BUGUEÑO MIRANDA, F. V.; FARIAS, V. S. Princípios para o desenvolvimento de uma teoria da definição lexicográfica. *ALFA: Revista de Linguística*, Marília, v. 55, n. 1, p. 31-61, 2011.

CAPOBIANCO, M.; BARBOSA, C. *Está em carentena? Como surgiram as gírias criadas na pandemia. Veja Rio*, Rio de Janeiro, 17 jul. 2020. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/cidade/girias-pandemia/>. Acesso em: 11 jun. 2026.

CASOS de pacientes com Covid sobem para 5.493 no Estado, diz Sesab. *Bahia Já*, Salvador, 11 jan. 2022. Política. Disponível em: <https://bahiaja.com.br/politica/noticia/2022/01/11/casos-de-pacientes-com-covid-sobem-para-5493-no-estado-diz-sesab,1364470.html>. Acesso em: 11 jun. 2026.

CLARA SAÚDE. *Covigripe teste*. Pinhal Novo, Portugal, 2026. Disponível em: <https://www.clarasauade.pt/>. Acesso em: 17 maio 2026.

CORREIO BRAZILIENSE. *Flurona: Israel registra primeiro caso de infecção dupla por gripe e covid*. Brasília, DF, 2 jan. 2022. Disponível em: correio braziliense.com.br. Acesso em: 11 jun. 2026.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The Way We Think: Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities*. New York: Basic Books, 2002.

G1 GOIÁS. *TV Anhanguera e G1 realizam fórum em parceria com a Megasoft*. Goiânia, 11 mar. 2020. Disponível em: globo.com. Acesso em: 11 jun. 2026.

GEERAERTS, D. Lexicography and Theories of lexical semantics. In: DURKIN, P. (ed.). *The Oxford Handbook of Lexicography*. Oxford: Oxford University Press, 2016. p. 425-438.

GONÇALVES, C. A. V. Questões sobre o acesso da fonologia à morfologia. *Revista de Letras e Artes*, v. 3, n. 1, p. 156-162, 2002.

GONÇALVES, C. A. V. Cruzamento vocabular em português: a questão das fronteiras com outros processos de formação. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIN, 3, 2003, Niterói. *Anais...* Niterói: UFF – Centro de Estudos Gerais, 2003. v. 1, p. 824-831.

GONÇALVES, C. A. V. Blends lexicais em português: não-concaternatividade e correspondência. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 14, n. 1, p. 16-35, 2005.

GONÇALVES, C. A. V. A ambimorfemia de cruzamentos vocabulares em português: uma abordagem por ranking de restrições. *Revista da ABRALIN*, v. 5, n. 1/2, p. 169-184, 2006.

GONÇALVES, C. A. V. Uma análise construcional das formações lexicais baseadas em coronavírus no português brasileiro contemporâneo. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 89-111, maio/ago. 2020.

GONÇALVES, C. A. V. O poder nas palavras: (des)construções lexicais do nome do atual presidente do Brasil. In: ARAÚJO, S.; OLIVEIRA JÚNIOR, M.; SANTANA, L. (org.). *Linguagem e sociedade: questões variacionistas, filológicas e discursivas*. Campinas: Pontes Editores, 2022. v. 1. p. 46-79.

GONÇALVES, C. A. V. Por uma visão compreensiva do cruzamento vocabular. In: OLIVEIRA, M. R.; LOPES, M. *Funcionalismo linguístico: interfaces*. Campinas: Pontes, 2023. p. 221-250.

GONÇALVES, C. A. V. Atuais tendências em formação de palavras. São Paulo: Contexto, 2016.

GONÇALVES, C. A. V. A criação de novas unidades morfológicas: o caso de bolso- e -naro - uma análise funcional/cognitiva. In: SIMÕES NETO, N.; ALMEIDA, A. (org.). *Trabalhos em linguística cognitiva e interfaces: abordagens semânticas e gramaticais*. Campinas: Pontes Editores, 2025. v. 1, p. 379-402.

GONÇALVES, C. A. V.; ALMEIDA, M. L. L. Cruzamento vocabular no português brasileiro: aspectos morfo-fonológicos e semântico-cognitivos. *Revista Portuguesa de Humanidades*, Braga, v. 8, n. 1, p. 151-170, 2004.

GONÇALVES, C. A. V.; ASSUNÇÃO, F. P. A humorfologia dos cruzamentos vocabulares em português: análise da coluna de Agamemnon, de O Globo. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 13, n. 1/2, p. 57-71, 2009.

GONÇALVES, C. A. V.; CARVALHO, W.; ANDRADE, K. *Splinters* são cruzamentos de cruzamentos? Repensando o estatuto desse constituinte em português. *Revista do GEL*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 132-156, 2016.

LANGACKER, R. *Foundations of cognitive grammar*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LEHRER, A. Blendalicious. In: MUNAT, J. (ed.). *Lexical creativity, texts and contexts*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2007. p. 115-133.

MATTIELLO, E. *Extra-grammatical morphology in English: abbreviations, blends, reduplicatives and related phenomena*. Berlin; Boston: De Gruyter Mouton, 2013.

MICHAELIS: *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2026. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br>. Acesso em: 3 mar. 2026.

MORAIS, Esmael [@esmaelmorais]. “Canalhavírus”: Bolsonaro corta salários outra vez na pandemia [tweet]. X (Twitter), 27 abr. 2021. Disponível em: x.com. Acesso em: 11 jun. 2026.

OLIVEIRA, H. “BOVID-17” E “COMUNAVÍRUS”: Fórmula discursiva, reformulação e memória. *Linguasagem*, v. 35, n. 1, p. 171-185, 2020. Disponível em: <https://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/828>. Acesso em: 11 jun. 2026.

PIÑEROS, C. E. *Word-blending as a case of non-concatenative morphology in Spanish*. Rutgers: Rutgers University, 2000.

PLATAFORMA AHAZOU. *Post imagem frase yoga engraçado motivacional temporal*. São Paulo, 2026. Disponível em: ahazou.com. Acesso em: 17 maio 2026.

RIO-TORTO, G. Blending, cruzamento vocabular ou fusão lexical em português: padrões estruturais e (des)semelhanças com a composição. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 7-29, jan./jun. 2014.

RIO-TORTO, G. M. *Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português*. Lisboa: Porto Editora, 1998.

SILVA, J. da. *Produtividade lexical em tempos de crise sanitária: um estudo sobre as formações neológicas durante a pandemia da*

COVID-19. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2026.

SILVA, J. da. Produtividade lexical em tempos de crise sanitária: um estudo sobre cruzamentos vocabulares ligados à pandemia. In: DUTRA, V. L. R.; SCHLEE, M. B.; FONSECA, V. N. S. (org.). *Vivências em Língua Portuguesa: palavras, discurso e ensino*. Rio de Janeiro: PPG Letras UERJ, 2022. p. 23-30.

SILVA, V. B. da. *O cruzamento vocabular formado por antropônimos: análise morfológica e fonológica*. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SILVA, V. B. da. *Cruzamento vocabular com bases antroponímicas: um estudo otimalista em busca de padrões na criatividade do falante*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

SILVEIRA, C. M. F. *Cruzamento Vocabular em português: acaso ou processo?* Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

VILLALVA, A. *Estruturas Morfológicas: unidades e hierarquias nas formações de palavras*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2000.

VITAL, F. S.; GONÇALVES, C. A. V. A crucialidade da fonologia: um outro olhar sobre blends lexicais no português brasileiro. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 120-140, 2023.

VITAL, F.; BALDUÍNO, A. Revisitando a estrutura dos blends lexicais de lapsos de fala. *Organon*, Porto Alegre, v. 39, n. 78, p. 1-22, jul./dez. 2024.

@CIDAADAOCOMIUM_BR. *A vacina tá no posto, mas o gadoquina prefere acreditar em zap e tomar o Kit Covid* [tweet]. X (Twitter), 2021. Disponível em: x.com. Acesso em: 11 jun. 2026.